

ENSINO/APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA/PLE: APRENDENDO A LÍNGUA A PARTIR DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA CULTURA BAIANA¹

Maria Goretti dos Santos Silva

RESUMO

Este artigo tem por objetivo geral analisar a diversidade linguística da cultura baiana no processo ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira, através de uma canção. A metodologia se apóia na pesquisa bibliográfica de autores que discutem a interface entre língua e cultura como ALMEIDA FILHO (2002), PARAQUETT (1998), dentre outros. Para tanto, constatou-se que compreender o processo ensino/aprendizagem de uma LE ou L2 a partir de aspectos regionalistas favorece um desenvolvimento mais apurado do aprendiz em relação à práxis linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Português como língua estrangeira, Cultura baiana, Diversidade linguística.

ABSTRACT

This article's goal is to analyse the linguistic diversity of Bahia culture in the process of teaching/learning of Portuguese language as Foreign Language by using a song. The methodology is supported by bibliographic search of authors who discuss the interface between language and culture as ALMEIDA FILHO (2002), PARAQUETT (1998). So, it became evident that understanding the process of teaching/learning of a LE or L2 starting from regional aspects, helps the developing of better apprentice of linguistic praxis.

Keywords: Portuguese as foreign language, bahia culture, linguistic diversity.

1. INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira tem sido objeto de muitos estudos, posto que a necessidade de domínio de outra língua se torna fundamentalmente precisa no mundo globalizado, cujas fronteiras ideológicas perpassam por todas as questões identitárias, sob a égide do multiculturalismo e da interculturalidade.

As demandas sociolinguísticas dentro das diversas comunidades que formam a nação brasileira entre si e, em determinados momentos, se imbricam em se tratando dos muitos grupos sociais, os quais as formam. Há um tênue

¹ Artigo sob a orientação da Professora Dr^a. Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro: Professora Adjunta do DLA Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Santa Cruz- Ilhéus-BA. Área de atuação: Português Língua Materna e Língua Estrangeira, Português Forense e Formação de Professor. Professora da disciplina Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira do programa de pós-graduação Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da referida universidade.

artifício interacionista entre a língua estrutural e a empírica, perfazendo a categorização de grupos sociolinguísticos distintos que segregam e/ou são segregados.

Para tanto, oportunizar a uma pessoa o acesso a uma Língua Estrangeira (LE) favorece o desenvolvimento de uma ação emergente em todas as sociedades, uma vez que a globalização beneficia a comunicação entre os povos, possibilitando o conhecimento de diversas culturas (hábitos, costumes), construindo um processo de respeito às diversidades sociolinguísticas reveladas como marca identitária.

No ensino/aprendizagem, o conhecimento deve ser construído observando as estruturas sistêmicas, bem como a base empírica que norteia a mobilidade de uma língua. Não é possível se ponderar que em um processo de aprendizagem de uma LE haja uma linearidade contínua com aportes meramente teóricos em detrimento da práxis e do movimento que diariamente reconstrói uma língua, a partir da inserção de novidades linguísticas, as quais estão diretamente ligadas às inovações culturais. Portanto, torna-se relevante considerar que o processo de construção do conhecimento linguístico advindo de ações concretas, complexas e provenientes da heterogeneidade dos aprendizes e da variedade contextual, tende a contribuir para uma aprendizagem mais enriquecedora e menos preconceituosa em relação à cultura e à língua-meta.

De acordo com Almeida Filho (2002, p. 12):

Essa nova língua pode ser tida em melhor perspectiva como língua que também constrói o seu aprendiz e em algum momento futuro vai não só ser falada com propósitos autênticos pelo aprendiz, mas também 'falar esse mesmo aprendiz', revelando índices da sua identidade e das significações próprias do sistema dessa língua-alvo.

Quando o aprendiz re-conhece a cultura do estrangeiro, observando e valorizando o que é do outro e o que é seu, distancia-se do perigo da estereotipação. Assim, aprender uma língua é estar em conexão direta com a cultura desta língua-meta. Desta forma, as aulas de língua estrangeira podem se transmutar em um espaço de trocas de experiências contemporâneas, e é

no processo de ensinar e aprender uma LE/L2 que se possibilita ampliar o conhecimento da outra e da sua própria cultura.

Neste contexto, o Português como Língua Estrangeira (PLE) se caracteriza como objeto de estudo deste projeto, observando o uso de elementos linguísticos, os quais possibilitam o processo ensino/aprendizagem, a partir do desenvolvimento de uma prática docente mais dinâmica, com base no estudo de textos literários (ressalva-se a letra de uma canção baiana) que representem linguisticamente a Bahia.

Não se trata, contudo de focar a literatura pura e simplesmente para se aprender outra língua, mas utilizar especificidades regionalistas da Língua Materna (LM), neste caso o Português/Brasileiro, para auxiliar o desenvolvimento da aprendizagem da LE, ou seja, estudar a partir de uma perspectiva mais pragmática. Diante deste pressuposto se questiona que enfoques linguísticos do Português como Língua Estrangeira (PLE) podem ser enfatizados como facilitador no processo ensino/aprendizagem para aprendizes, a partir de textos literários da cultura baiana?

Para tanto se pode hipotetizar que se a utilização de textos literários da cultura baiana pode facilitar o desenvolvimento da aprendizagem de PLE, então o reconhecimento de aspectos da cultura poderá auxiliar neste processo de ensino/aprendizagem de forma mais eficaz, uma vez que aprender uma LE observando seus aspectos dinâmicos conduz o aprendiz a um conhecimento globalizado, e não mais fragmentado por, tão somente, estruturas teórico-gramaticais.

Há uma complexa e profunda relação no que concerne o processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira e a apreensão de sua estrutura linguística, uma vez que a grande problematização no desenvolvimento estrutural da língua materna pode ocasionar um provável bloqueio, fazendo com que o aprendiz da LE não obtenha resultados satisfatórios neste processo.

O ensino/aprendizagem de PLE não só se configura como desenvolvimento cultural, uma vez que o aprendiz ao entrar em contato com a língua objeto se vê envolto por sua cultura, bem como o enriquecimento do

capital linguístico do cidadão do mundo atual, que vive no contexto do multiculturalismo e da interculturalidade.

Partindo do princípio de que ensinar uma língua estrangeira é ensinar também a cultura que a contextualiza, o aprendiz experencia com maior consciência os aspectos relacionados a esta cultura, os quais condensam a identidade do povo, costumes e tradições. Não obstante, a importância de se conhecer sua linguagem gestual, sotaques, dialetos, arcaísmos culturais, signos de uma língua mais flexível, contextual e diversificada. “Além do mais, devemos considerar que o objeto da aprendizagem de línguas, a própria língua, também não é estático, mas dinâmico, e se constitui em um sistema complexo em constante mutação” (PAIVA 2005, p. 38).

Pode-se, assim, observar que há relevância entre as representações da Língua Materna para o aprendizado da Língua Estrangeira, pois as línguas se inter-relacionam e deste fator resulta o discurso e o enunciado produzidos pelos aprendizes do Português como Língua Estrangeira para a consolidação dos convergentes que desempenham a estimulação do aprendizado desta outra língua.

É possível observar que há relevância no que concerne ao estudo das relações da LM (Língua Espanhola) para o aprendizado da LE (Português/ Brasileiro), posto que as línguas se interrelacionam e deste fator resulta o discurso e o enunciado produzidos em consonância com a *ressignificação* da construção do conhecimento em moldes mais pragmáticos e de maior respeitabilidade às diversidades sociolinguísticas, bem como culturais.

Assim, como corrobora Mendes (2004, p. 12):

O que importa, e é isso que aqui defendemos, é pensar a língua como entidade viva, que se renova a cada momento, que se multiplica e auto-organiza através do seu uso pelos falantes e pelo contato com outras línguas; língua que é ao mesmo tempo, reflexo da cultura e também instrumento da construção e afirmação da cultura, marcando e sendo marcada por ela.

De tal modo, a língua brasileira se constitui de maneira muito dinâmica e idiossincrática, pois “O painel das diferenças linguísticas no Brasil completa-se com os diversos linguajares regionais, que utilizam o português como língua, porém com pronúncias, vocabulários e particularidades tão variadas que

constituem verdadeiros dialetos” (MARCUSCHI 2004, p. 29). E é esta peculiaridade do Português Brasileiro (doravante PB) empregada em tantos países, estados, cidades ou mesmo nos vários guetos que compõem o global e o local, pois toda e qualquer língua é viva e está sempre em processo de mutação e adaptação contextual. Dessa forma, não seria diferente com o PB, uma língua mesclada por tantas outras línguas, uma cultura composta por tantas outras culturas.

O presente artigo tem por objetivo geral analisar a diversidade linguística da cultura baiana como instrumento auxiliador no processo ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira (doravante PLE), através da apreciação de um texto literário (gênero canção).

A metodologia utilizada se apóia na pesquisa bibliográfica, a qual será realizada a partir da fundamentação teórica advinda de leitura sistemática e reflexiva de livros e artigos. Em seguida, será realizada a indexação do tema língua e cultura a partir da visão de alguns teóricos, a fim de melhor fundamentar o objetivo desta pesquisa. Faz-se relevante considerar, neste artigo, a cultura brasileira muito diversificada está sendo enviesada para o estudo regionalista de uma cultura micro, a baiana, a qual compõe a cultura macro, a brasileira.

Para tanto, a análise de um referencial teórico vasto, far-se-á necessário, depois de algumas leituras, a eleição de um texto, neste caso específico uma canção, com marcas regionais, que representem a cultura baiana. A partir da escolha desse texto, elencar-se-ão os aspectos da cultura neles presentes e gerando um estudo de forma mais aprofundada de como se pode desenvolver o ensino/aprendizagem do PLE, com vistas em uma “imersão” cultural.

Não obstante, faz-se preciso também enfatizar a análise das implicações com recortes culturais das estruturas linguísticas com marcas regionalistas do Português como L2 para dar consistência ao que se propõe desvelar.

2. Português como Língua Estrangeira - A Cultura da Língua

O processo de ensino aprendizagem do Português como língua estrangeira deve ser compreendida como uma via de acesso à cultura, não segregando os aspectos estruturais da língua, mas possibilitando a interação prática e teoria de forma dinâmica e bem mesclada, pois a linguagem se constitui a partir das práticas sociais.

Segundo Vygotsky (1987, p. 85):

A linguagem como prática discursiva, isto é, como produções simbólicas, que se constituem nas práticas sociais histórico-culturalmente situado e que, por sua vez, constituem essas práticas e, portanto, como ferramenta psicológica, uma vez é na e pelas práticas sociais que o conhecimento é construído.

O meio social é fator preponderante para que o conhecimento seja uma práxis concreta e constitutiva do ser. Portanto, aprender uma LE requer, não só o conhecimento de regras e normas da língua-meta, mas a inserção ou “imersão” na cultura do outro, a fim de que haja uma complementaridade do objeto de estudo, ampliando o processo ensino/aprendizagem de forma que englobe a língua, a cultura, costumes, tradições, peculiaridades de uma dada comunidade ou do país em questão.

Dessa forma, no dia-a-dia da sala de aula de línguas, o conhecimento “aberto” ou “escondido” enfatizado, as maneiras como esse conhecimento é trabalhado, as possibilidades e qualidade de participação de alunos e do professor na construção do conhecimento estão, intimamente, ligados aos princípios de controle social e cultural na sociedade (MAGALHÃES 1996, p. 167).

Em um processo de aprendizagem, o aluno de uma LE/L2 está ideologicamente sob a ação dos princípios de controle social da L1, bem como da língua-meta, ou seja, as marcas identitárias que compõem as sociedades e suas culturas prevalecerão no tocante às possibilidades de participação dos sujeitos envolvidos na construção do conhecimento.

Para tanto, a linguagem, como instrumento primordial de propagação da cultura de um povo, pode assumir a posição de facilitadora da aprendizagem, isto é, a partir de expressões e/ou vocábulos pertencentes a um determinado grupo, pode-se abranger a aprendizagem da língua e da cultura de forma dinâmica e pragmática.

Como explica Paraquett (2006, p. 46):

A aula de língua estrangeira é um espaço privilegiado que possibilita o exercício da inserção sócio-cultural de nossos aprendizes em seu

universo, ou melhor, no mundo contemporâneo. Ela é um laboratório para o amadurecimento, o reconhecimento e a aceitação do *eu* e do *outro*. Mas ela pode ser muito perigosa quando se restringe a marcar as diferenças. É na aprendizagem de uma língua estrangeira que rompemos barreira com o estrangeiro. Mas é preciso que essa seja uma viagem feita com ida e volta. O perigoso é levar o *eu* ao *outro* e deixá-lo lá, sem trazê-lo de volta. Ensinar e aprender uma língua estrangeira é ensinar e aprender a ser o *eu* e não o *outro*.

Por isso, conhecer a cultura de um país é tão importante no processo ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira quanto a própria língua, posto que não é possível separar língua e cultura, ambas são indissociáveis, uma vez que é através da diversidade cultural, partindo do conhecimento do novo, que se pode alcançar êxito na compreensão e apreensão da língua.

Assim sendo, ensinar uma língua estrangeira, como o PB ganha uma nova roupagem, e de maneira dinâmica, torna-se mais eficiente e eficaz, já que as aulas ao centrarem-se em um processo de “imersão” cultural viabilizam o conhecimento mais pleno da língua, perdendo o caráter superficial de reproduzir normas e condicionar-se às propostas fechadas dos livros didáticos, os quais muitas vezes assumem apenas o papel de meros reprodutores de ideologias ou mesmo de regras de uma gramática estruturalista em detrimento do pragmatismo.

De acordo com Benito (2002, p. 125):

Quando se aprende un idioma extranjero no sólo se aprende un sistema de signos, sino también los significados culturales de esos signos- de la interpretación de la realidad-. Solamente teniendo esto presente llegamos a alcanzar un uso efectivo de la lengua, que nos permita entendernos, evitando las incomprendiones culturales de su lengua, a un lengua extranjera, y alejándonos de tópicos y estereotipos.

Os signos linguísticos só têm sentido se atrelados à cultura porque cada grupo, comunidade ou nação possui particularidades na linguagem que apenas ganha matiz se inserida em um determinado contexto, ou seja, o texto deve ser observado do ponto de vista empírico. Torna-se assim, importante ampliar o processo ensino/aprendizagem da LE, contextualizando-o nos aspectos culturais.

Torna-se importante ampliar o processo ensino-aprendizagem da LE, contextualizando os aspectos culturais como um instrumento, pois, a cultura é

o meio de comunicação do homem e a personalidade dos membros de uma comunidade. A necessidade de relacionamento com pessoas de outras culturas é hoje mais evidente que nunca. Os choques entre sistemas culturais não se limitam às relações internacionais, mas sim dentro de um mesmo país, pois convivem em uma diversidade de culturas.

Destarte a observação de textos que retratam a cultura baiana, por seu caráter regionalista, possibilita um aprofundamento cultural com bases linguísticas, posto que aprender dentro de um contexto facilita e favorece o aprendizado, já que não se voltou apenas para a construção de regras e observância da língua a partir de uma gramática estruturalista. O que se deve considerar é o objeto em estudo centralizado num contexto de uma língua viva e pragmática.

Os textos escritos podem apresentar-se em prosa e poesia. Todos esses tipos de texto figuram nas unidades, com destaque especial para o texto literário, não só pelo que representa de aproveitamento dos recursos da língua, mas também pelas possibilidades novas e surpreendentes que abre em termos de observação e compreensão do mundo, das tradições da cultura (TEIXEIRA & DISCINI 1999, p.9).

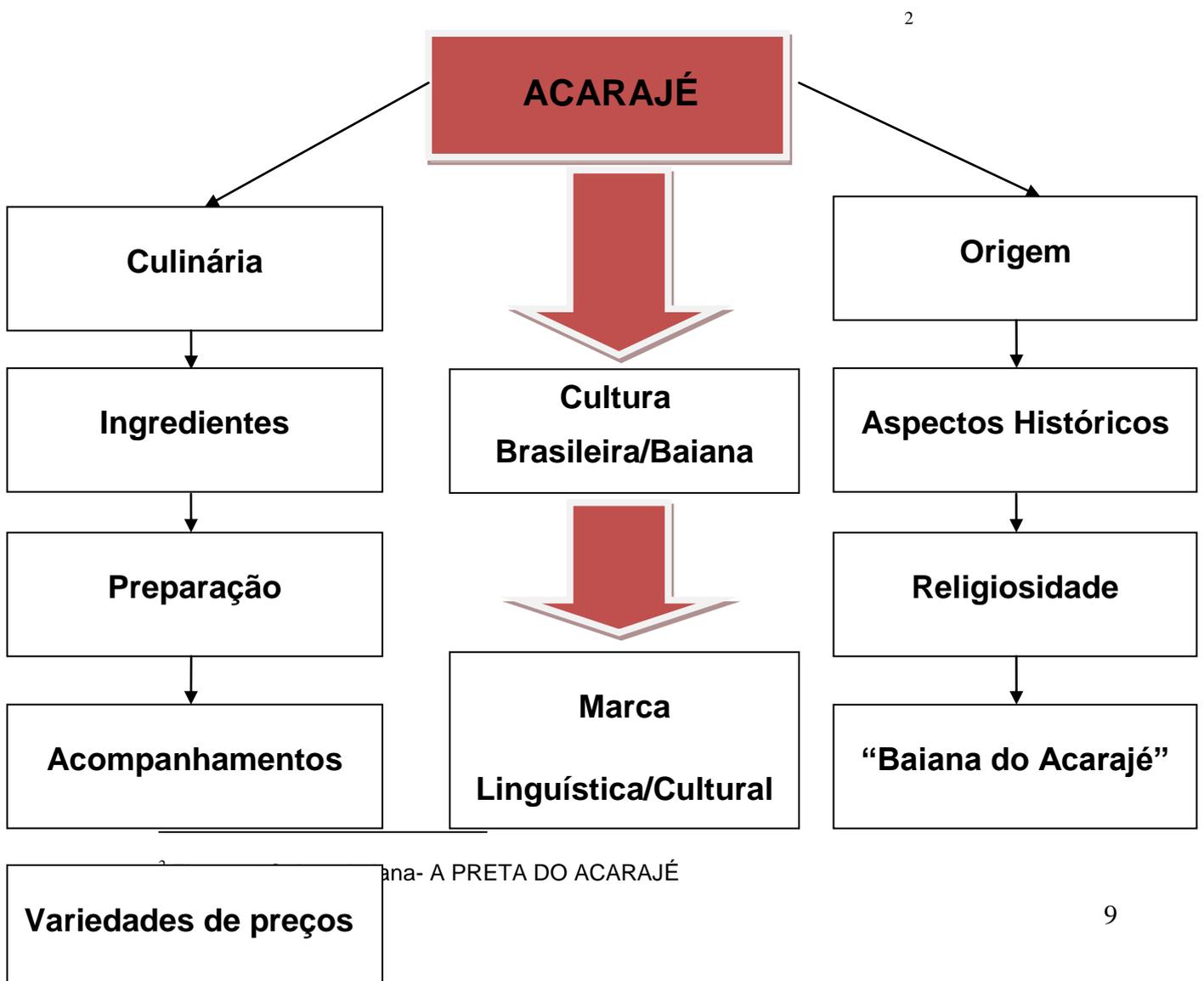
Portanto deve-se ter atenção aos textos literários que retratam, de forma peculiar, a vida e a língua de uma determinada comunidade linguística, pretendendo não ensinar PLE de forma abstrata, mas concreta e palpável.

Veja abaixo, como exemplo, a canção “A preta do acarajé”, interpretada por Gal Costa. Um texto literário em forma de música, que enfoca uma linguagem regionalista e aborda um tema tipicamente baiano: A PRETA DO ACARAJÉ.

Dez horas da noite
Na rua deserta
A preta marcando
Parece um lamento
É o abará
Na sua gamela
Tem molhos e cheiros

Pimenta da costa
Tem acarajé
Ô acarajé tem cor
Ô lá la io
Vem benzer
Tá quentinho
Todo mundo gosta de acarajé

A partir da letra da música, o item A PRETA DO ACARAJÉ é exposto de forma abrangente, como demonstra o organograma seguinte:





Analisando a Figura 1, faz-se notório observar que partindo do estudo do vocábulo ACARAJÉ, específico da cultura baiana, muitos aspectos culturais podem ser trabalhados de forma dinâmica e concreta.

- Culinária baiana – conhecida por ser muito apimentada e tem grande variedade de temperos fortes;
- Ingredientes para o acarajé: feijão fradinho, condimentos, temperos, azeite de dendê, dentre outros;
- Preparação: todos os passos da confecção do alimento;
- Acompanhamentos: vatapá, caruru, camarão, salada, dentre outros;
- Variedades de preço: a depender da cidade e do período, os preços variam entre R\$ 2,00 a R\$ 10,00;
- Como é vendido: nos tabuleiros de baianas;
- Origem; comida oriunda da África, trazida pelos negros, africanos e escravos do período do Brasil colônia;
- Aspectos históricos: história do Brasil colonial;
- Religiosidade: Candomblé- religião dos africanos trazidos para o Brasil no período colonial para serem escravizados;
- Baiana do Acarajé: todos os aspectos culturais que envolvem a baiana (roupas, ritos, etc.);
- Festas tradicionais – mundialmente conhecida – CARNAVAL;

- Cartões postais da Bahia: cidades turísticas, atrativos naturais e culturais, a capital Salvador, dentre outros.

O exemplo da Figura 1 demonstra como os aspectos culturais podem ser trabalhados nas aulas de PLE, embasando as marcas linguísticas e culturais, num processo de aprendizagem e respeitabilidade da língua e da cultura do outro, tendo em vista o caráter identitário de uma determinada comunidade linguística.

Segundo as Orientações Curriculares Estaduais para o Ensino Médio:

Trata-se de desenvolver formas de apropriação para uma melhor leitura das culturas, considerando-se as mesmas como entidades dinâmicas e mutantes, inseridas no tempo e no espaço. Esta compreensão conduz a uma perspectiva relacional da alteridade na percepção do outro e também da sua própria cultura, na formação de uma atitude de respeito à identidade de cada povo e a diversidade existente entre as culturas, sem estabelecer hierarquias entre as mesmas. (BRASIL 2008, p.9).

A cultura ganha força no cenário nacional por sua ampla diversidade seja nos aspectos da culinária, de festas, de cartões postais, dentre outros e por isso se torna um diversificado “produtor” de aspectos que alargam o conhecimento seja de forma sistêmica, seja de forma empírica.

De acordo com a sociolinguística, toda língua é adequada à comunidade que utiliza, é um sistema completo que permite a uma dada comunidade social expressar seu mundo físico e simbólico. O que deve, portanto se considerar é que não há uma língua inferior ou superior a outra, os julgamentos que excluem ou elevam são de natureza política e social.

Para Camacho (2003), a variação pode ocorrer em qualquer nível de análise: fonológico, morfológico, sintático, semântico ou lexical. Preti (1999, p.31-32) afirma que há algumas diferenças do ponto de vista da estrutura morfossintática entre as variantes culta e popular:

| VARIANTE CULTA | VARIANTE POPULAR |
|---|--|
| Indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa. | Economia nas marcas de gênero, número e pessoa. (Ex.: Essas pessoa não tem jeito.) |

| | |
|---|--|
| Correlação verbal entre tempos e modos. | Falta de correlação verbal entre tempos e modos. (Ex.: Se encontrasse ela agora, contava tudo.) |
| Maior utilização da voz passiva. | Maior emprego da voz ativa, em lugar da passiva. (Ex.: “Um carro pegou ele” em lugar de “Foi atropelado por um carro”) |
| Organização gramatical cuidada da frase. | Simplificação gramatical da frase, emprego de bordões do tipo: então, aí, etc. |
| Variedade da construção da frase. | Emprego dos pronomes pessoais reto como objetos (Ex.: Vi ele, encontrei ela...) |

As variedades linguísticas relacionadas ao contexto, as quais também são chamadas de variedades estilísticas ou de registros demonstram a diversificação dos falantes em relação a sua fala, dependendo do contexto social ao qual estão inseridos, pois para cada situação verbal há um estilo linguístico diferente.

Preti (1999) também denomina essa variação como estilística, no sentido de que o falante, conforme a situação escolhe um estilo que julga mais conveniente para expressar seu pensamento, dependendo do contexto que está inserido no momento da fala.

Há um condicionamento de uma série de fatores que estão diretamente relacionados às marcas identitárias do falante, assim como à organização sociocultural da comunidade linguística como: classe social, idade, sexo, situação social.

Observe no quadro abaixo a variação semântica da expressão “porra” comumente utilizada no vocabulário baiano, denotando seus diferentes aspectos:

- Me dê essa *porra* aí, essa minina!
- Ó, não se saia não que eu lhe pico a *porra*, viu!
- Que *porra* é essa?
- *Porra!* (exclamando)
- *Porra!!* (xingando)
- Você não vai *porra* nenhuma pressa festa, sua nigrinha.
- Êita *porra!*
- Volte aqui, sinhá *porra!*
- Esse acarajé ta gostoso coma a *porra*.
- Viu só que sujeito alto? Grande como a *porra!*
- Bela *porra!*
- Fique com sua *porra*, não quero mais não!

Ao verificarmos no dicionário Aurélio o significado do vocábulo “porra” tem-se as seguintes denotações:

(ô) [De *porro*.]

Substantivo feminino.

1. Ant. Clava com saliência arredondada num dos extremos.
2. Chulo O pênis.
3. Bras. S. Chulo V. *esperma*. Interjeição.
4. Bras. Chulo Exprime enfado, impaciência, desagrado, etc. [Var. (eufemicamente apocopada), nesta acepção: *pô*].

Conforme assevera Fiorin:

O significado não é, então, a realidade que ele designa, mas sua representação, sendo o significante o veículo do significado. Nesse sentido, a significação é, então, uma diferença entre um signo e outro signo, pois o que existe na língua é a produção e a interpretação de diferenças (FIORIN 2003, p. 34).

Assim sendo, o processo de ensino/aprendizagem do PLE, a partir de um procedimento de imersão na cultura brasileiro-baiana desperta no aprendiz as muitas possibilidades semânticas, como resultado de uma variação que se fundamenta na in-formalidade da situação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo versou sobre o ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira/PLE: aprendendo a língua a partir de aspectos linguísticos da cultura baiana, com o objetivo principal de analisar como a diversidade linguística da cultura baiana pode auxiliar no processo ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira (PLE), através de textos literários, mais especificamente de uma canção baiana.

Esta pesquisa se condensou a partir da pesquisa bibliográfica um trabalho de verificação de como e de que forma a literatura da Bahia contribui de maneira concreta, para que o aprendiz compreenda esta LE ou L2 num processo de “imersão” na cultura brasileiro-baiana, sobretudo, dentro do segmento de respeitabilidade pela cultura, costumes e tradições da língua meta.

A área de pesquisa embasou-se nas contribuições que a cultura e a literatura, em seus gêneros textuais regionais, favorecendo para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem, numa contextualização sociocultural e linguística do Português como Língua Estrangeira.

A língua e a cultura estão intimamente ligadas. Não se pode pensar na aprendizagem de uma LE/L2 sem adentrar-se na cultura do outro, nas composições histórico-sociais que compõem a língua-meta, sem perder a noção do próprio espaço, mas reconhecendo que é a partir da diversidade que se deve levar em conta o processo de respeitabilidade, sobretudo, sem construir uma imagem estereotipada do que é do outro.

Neste trabalho considerou-se que não é possível se ponderar que em um processo de aprendizagem de uma LE haja uma via única de acesso ao saber, apenas fundamentado em aportes meramente teóricos em detrimento da práxis e do movimento que diariamente re-constroi uma língua, a partir da inserção de novidades linguísticas, as quais estão diretamente ligadas às inovações culturais. Para tanto, compreender o processo ensino/aprendizagem de uma LE ou L2 a partir de aspectos regionalistas favorece um desenvolvimento mais apurado do aprendiz em relação à dinamicidade que faz com que a língua esteja em constante mutação e seja sempre flexível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. **Dimensões Comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 3ª ed. 2002.

BENITO, A.B.G. **La cultura en la enseñanza del portugués lengua extranjera**. Anuários de Estudos Filológicos. Vol. XXV, 119-135, 2002.

BRASIL (2000), Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**; volume 1. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In: CECÍLIO, Sandra Regina; MATOS, Cleusa Maria Alves de. **Revisitando o livro didático**: a variação linguística e o ensino de língua, 2003.

Disponível em: [HTTP://www.uel.br/revistas/entretextos/pdf6/5.pdf](http://www.uel.br/revistas/entretextos/pdf6/5.pdf).

Acesso em: 15 de set. 2008.

FIORIN, J.L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J.L. (Orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2003.

MAGALHÃES, S.C.C. **Pesquisa em formação de educadores**: A pragmática como negociação de sentidos. Cadernos de Linguística Aplicada, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Interação, contexto e sentido literal**. Investigações: Linguísticas e teoria literária. Recife, v.17, n.02, p.19-46, 2004.

MENDES, E. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: Uma relação “entre - culturas”. In: ALVAREZ, M. L. O. & SILVA, K. A. (orgs.) **Linguística aplicada**: múltiplos olhares. Brasília, DF: UnB – Pontes Editores, 2007.

PARAQUETT, M. **Abordagem Multicultural e formação de leitores na aprendizagem de Espanhol Língua Estrangeira**. (E/LE) (prelo), 2006.

PAIVA, V. L. O. Modelo fractal de aquisição de línguas. In: BRUNO, Fátima T. C. (org.) **Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática**. São Paulo: Claraluz, 2005.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**. Os níveis de fala. São Paulo: EDUSP, 1999.

TEIXEIRA, L. e DISCINI, N. **A leitura do mundo**. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed. 1987.